

ATENÇÃO À NORMA: RELAÇÕES ENTRE O ESPÍRITO EMPREENDEDOR E O TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE

Aluno: Felipe Andrade Ponzio - felipe.ponzio@ig.com.br
Orientador: Rafael de Paula Aguiar Araujo – rafa77@uol.com.br

Resumo

Após a crise do petróleo em 1973, os EUA experimentaram grande popularização dos conceitos da administração de empresas e uma intensificação da tecnologia produzida pela moderna indústria de tecnologia da informação (TI).

Neste duplo movimento, a racionalização das tarefas do novo "trabalhador do conhecimento" pede nova relação com a hierarquia, não mais pautada por uma estrutura constitucionalista, baseada no cargo e na tradição, mas extrínseca, inscrita na meta clara e específica e no planejamento estratégico e meticuloso. Trata-se do comportamento orientado para resultados. Neste novo cenário, a hierarquia é exterior ao indivíduo e compõe uma função distributiva no quadro de metas. Não se trata mais da ordem hierárquica "Faça o que eu estou mandando!", mas da ordem racionalizada do quadro: "Faça o seu trabalho!".

Esta nova morfologia do fazer é preenchida pelo conteúdo de um desejo que se conjuga aos enunciados da motivação. Não se exige apenas o trabalho duro; à figura do esforço agregase a paixão: "Você ama o que você faz?".

Esse discurso sobre o sucesso tem como objeto o espontâneo e sua interferência no comportamento induzido. Nesse contexto, a psiquiatria descreve o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) como a incidência indesejada do espontâneo que simbolizaria o fracasso: desatenção, hiperatividade e impulsividade entram no quadro do anormal.

Este trabalho analisa como essas relações socioculturais são desconsideradas no discurso médico estadunidense e como se dá a incidência desses enunciados de biopoder.

Palavras-chaves: normal; transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH); espírito empreendedor

Introdução

O jovem belga não se conformava com a rotina da vida empresarial. Depois de tentar por alguns anos seguir os caminhos ditados pela família, mudou-se para Paris e foi viver o inconstante mundo da música francesa da metade do século XX. Anos depois, Jacques estava lá, sentado em um café, olhando para o apartamento daquela que poderia ter sido o grande amor de sua vida. Diante de seus olhos, as páginas brancas e instáveis de um caderno onde as palavras se acotovelavam hermeticamente em busca de súplica.

Já Vincent nunca conseguira se sustentar adequadamente. Parecia que algo o impedia de seguir a convencional rotina do trabalho do século XIX. Inconstante, em determinado dia desafiara seu grande amigo para um duelo. Durante a disputa, teve parte da orelha decepada. Sangrando muito, combinou com o amigo e oponente a ocultação da história da luta. Foi para o bordel de sempre e adormeceu. Horas mais tarde, tinha diante de seus olhos a tela branca sobre a qual as pinceladas descreveriam o resultado daquele impulso e, ao mesmo tempo, o singelo sofrimento de seu autor.

Albert era desatento; parecia que, de fato, não conseguia compreender alguns conteúdos ensinados pelos seus professores. A dificuldade aumentava quando tinha de cumprir a rígida disciplina escolar do fim do século XIX. Esta mente inquieta, que dificilmente conseguia atender às demandas da pedagogia, era invadida por outras questões. Como a agulha da bússola poderia passear pelo espaço e apontar para algum lugar? — ele se indagava na infância, ao mesmo tempo em que sofria com as avaliações de história. Anos mais tarde, estaria descrevendo todas aquelas imagens que irrompiam em sua mente para formular a curvatura do binômio espaço-tempo e a sua teoria da relatividade.

Como esta unidade discursiva sobre a atenção, formulada pela psiquiatria estadunidense no final do século XX, possibilita elencar no mesmo plano enunciativo sobre o anormal figuras tão distantes como Jacques Brel, Vincent Van Gogh e Albert Einstein?¹ Talvez se indague ainda como a quase totalidade de indivíduos das sociedades euroamericanas poderia figurar nestes exemplos; quando e por quais motivos comportamentos como a impulsividade, a hiperatividade e a desatenção puderam se encandear em uma estrutura de suporte para o normal; e como se deu esta mudança semântica em torno da atenção, que até então tinha como parte de seu campo significativo as figuras do espontâneo que irrompiam na mente como sinal da ideia que preenchia o vácuo e ocupava toda a atenção de seu formulador — e, agora, figura nas estritas margens do induzido.

¹ Citamos Einstein, Brel e Van Gogh não para diagnosticá-los como portadores do TDAH, mas apenas para anotar que comportamentos característicos de suas rotinas estariam circulando na anormalidade da atenção.

Com efeito, as sociedades modernas são sociedades normalizadoras em que a norma refere atos e condutas dos indivíduos a um domínio que é, ao mesmo tempo, campo de comparação entre condutas heterogêneas que tem por finalidade o cálculo, a medida das condutas, e busca dos comportamentos em sua média ideal. Nessa diferença comportamental de indivíduos, busca-se um campo normal das condutas em torno dessas figuras do mesmo, da média. Existe, entretanto, uma medição efetiva dos indivíduos, para que se alcance esta média: trata-se de uma quantificação de suas capacidades e de uma hierarquização axiológica. Nesta busca pelo homogêneo, a norma estabelece os limites, as fronteiras das diferenças, do heterogêneo, do anormal (CASTRO, 2009, p. 309). Nesse campo epistêmico, a psiquiatria se ocupa da infância:

[...] é que a infância e a infantilidade da conduta oferecem como objeto à psiquiatria não mais propriamente – e até não mais de maneira nenhuma – uma doença ou um processo patológico, mas certo estado que vai ser caracterizado como estado de desequilíbrio, isto é, um estado no qual os elementos vêm funcionar num modo que, sem ser patológico, sem ser portador de morbidez, nem por isso é um modo normal. [...] Tornando-se ciência da infantilidade das condutas e das estruturas, a psiquiatria pode se tornar ciência das condutas normais e anormais. (FOUCAULT, 2010b, p. 269).

Esta sociedade normalizadora que tem a psiquiatria como formuladora privilegiada do normal encontra na medicalização das condutas o campo ideal da prática psiquiátrica.

A partir dessa medicalização do anormal, a partir dessa desconsideração do doente e, portanto, do terapêutico, a psiquiatria vai poder se dar efetivamente uma função que será simplesmente uma função de proteção e de ordem. Ela pôde efetivamente (e é o que fez no fim do século XIX) pretender tomar o lugar da própria justiça; não apenas da higiene, mas da verdade da maioria das manipulações e controles da sociedade contra os perigos que a minam do interior. (FOUCAULT, 2010b, p. 277).

Algumas críticas ao diagnóstico do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) encontram-se em um jogo de negação do normal; é uma denúncia da constituição da normalidade em uma negatividade política e sociológica. Trata-se de medicar crianças desobedientes — portanto, de categorizar a desobediência como patologia. Mais que isso, a finalidade, ainda que oculta, reside em construir nas indústrias farmacêuticas verdadeiros impérios de dinheiro, sustentados pelo uso do marketing, como técnica enunciativa, que ancora seus resultados nas expectativas de pais que veem seus filhos inseridos em uma grande competição, por distinções de qualificação, para integrar um instável mercado de trabalho.

Outro tipo de crítica concentra-se na ampliação do novo campo de normalidade, agora constituído por relações sociais de uma sociedade pós-moderna. A mudança na dinâmica da família estadunidense — pais separados, mães solteiras, padrastos e madrastas, várias famílias, enfim — alterou a concepção de autoridade. A família patriarcal descrita por Marx e

Engels estaria enfraquecida e, com ela, a representação da autoridade paterna. Essa nova configuração da autoridade, diluída no social, estabelece uma nova dinâmica de interação em que as crianças² alcançam mais autonomia nas relações sociais e que tem na hierarquia um novo modelo de relacionamento. Trata-se então de crianças que vivem em outro mundo, não mais moderno, com outra constituição familiar, perfeitamente normais, mas que encontram nas antigas instituições modernas, como a escola tradicional, as exigências de um modelo disciplinar inócuo aos novos tempos.

Nesta mesma linha de crítica, alguns alegam que o avanço da tecnologia da informação (TI) proporcionou uma explosão de um mundo de imagens. São desenhos animados coloridos, depois jogos de videogame cada vez mais sofisticados, relacionamento instantâneo nas redes sociais por intermédio de uma linguagem que privilegia uma estética narcisista, etc. As crianças incluídas nesta nova linguagem não verbal são expostas a uma didática lenta, antiga, incapaz de absorver as novas possibilidades do aprender. Neste sentido, a escola tradicional, mesmo com o aumento do investimento em tecnologia apresentado nos últimos anos, figuraria como instituição inadequada às novas funcionalidades tecnológicas.

Este artigo de pesquisa reconhece estas críticas, mas não as caracterizará para formular sua hipótese sobre a emergência do TDAH. Não se trata de simplesmente descartá-las, mas, antes, de arrolá-las em um plano discursivo que disputa a superfície do normal. Estaria ou não o TDAH legitimamente inserido no campo do normal? Não nos interessa disputar a legitimidade da normalidade, mas entender como foi possível se constituir esta nova unidade discursiva sobre a atenção; quais as rupturas necessárias, como se formulou o encandeamento de discursos entre a administração de empresas, a pedagogia, a psiquiatria e a política; como este novo campo de enunciados tem possibilidade de circular com tamanha velocidade; com quais figuras esta construção ontológica sobre o sujeito atento altera a estética do anormal?

Temos por hipótese a existência de uma mudança no modo como se estrutura o olhar hierarquizante, como operador das técnicas disciplinares. As características da individualidade disciplinar que opera na normalização social são: a distribuição dos corpos no espaço, definido nas margens da classificação espacial, do lugar na fila; o controle da atividade, o horário de início das atividades, quanto tempo deve durar determinado ato, a utilização exaustiva do tempo; a organização da gênese através da serialização das atividades, da utilização exaustiva do tempo, a repetição através dos exercícios diferentes e graduados; e pela composição das forças através da combinação cronológica das séries (CASTRO, 2009, p. 310).

² Conhecemos o diagnóstico do TDAH em adultos, mas, para a construção deste texto, privilegamos as crianças como foco central de incidência da patologia.

Esta técnica de poder que gera a individualidade disciplinada tem como mecanismos operadores o olhar hierarquizante, a punição pela infração à sanção normalizadora e o exame que classifica as capacidades dentro de graduações específicas. Nesse olhar hierarquizante, existe uma mudança específica, datada da cultura estadunidense do início década de 1970. Não se trata mais de hierarquizar capacidades individuais dentro do quadro normal da personalidade inadequada, das figuras do caráter, mas de verificar a gradação do espontâneo nas condutas e comportamentos. Em outras palavras, aqueles comportamentos anormais, como a demasiada desobediência, a timidez crônica, a tristeza excessiva, a agressividade, perderam sua morfologia individual. Um menino será considerado depressivo porque perdeu os pais; uma menina será considerada desobediente porque o seus pais são liberais etc. Exemplos assim revelavam simplismos orientados por relações causais com as quais a sociedade se acostumou.

Enfim, toda essa casuística,³ necessária para classificar os indivíduos dentro do léxico do anormal, é superposta por outro olhar (mas esta superposição do olhar hierarquizador não é total, mantêm-se as buscas das classificações patológicas baseadas em outros operadores, embora enfraquecidas). O que se verifica quando se busca o anormal é a quantidade da incidência do espontâneo *lato sensu*. O professor, para auxiliar no diagnóstico de TDAH, não buscará uma classificação psicológica, uma causa social específica. Buscará, entretanto, saber quantas vezes determinado aluno não prestou atenção em sua aula, se existe movimento nas pernas durante a explanação dos conceitos, se o aluno aguarda a sua vez na hora de perguntar, etc. É o induzido, portanto, que delimita o campo semântico do normal. "Alunos-problemas", tão diferentes como o brigão, o indisciplinado e o sonhador, são classificados como portadores da mesma incapacidade de se induzir, como doentes do espontâneo.

Mas quando o espontâneo superpôs essas outras figuras do anormal e se transformou no primeiro indício de anormalidade, a ponto de juntar sujeitos com comportamentos e experiências tão distantes - em um mesmo plano patológico? Para responder a esta pergunta, devemos recorrer à cultura estadunidense do início da década de 1970.

As décadas da crise

Eric Hobsbawm define o período compreendido entre 1973 e 1993 como as décadas da crise. Os países desenvolvidos haviam alcançado grande crescimento econômico depois da II Guerra Mundial e a crise do petróleo, iniciada em 1973, inaugurou essa nova era

³ A psicanálise funcionava como o principal operador na busca da causa inconsciente que seria a responsável pelo comportamento anormal. Com a publicação do DSM3, o behaviorismo se torna de fato o saber privilegiado nas análises psicológicas sobre a norma.

caracterizada pelas incertezas econômicas, pelo baixo crescimento e pelo aumento da desigualdade social.

Os EUA inserem-se dentro desse contexto histórico de maneira peculiar, pois amargavam, como as outras economias desenvolvidas, um baixo índice de crescimento do PIB, embora conseguissem manter o desemprego em patamares reduzidos. Esse fato é ainda mais contraditório quando se considera que esse país passou por uma explosão demográfica logo depois do fim da II Guerra, evento que ficou conhecido como *baby boom*. Além disso, as mulheres ocupavam cada vez mais o mercado de trabalho. É essa grande e nova população economicamente ativa que consegue se manter empregada (DRUCKER, 1986, p. 1).

Até a década de 1970, os grandes empregadores da economia norte-americana foram as empresas de grande porte; a revista *Fortune* elabora anualmente um índice com as 500 maiores empresas do país, em estudo que apresenta o recorte de uma economia composta por setores tradicionalmente fortes, como o automotivo e o siderúrgico. Essa indústria sofreu nas décadas da crise, visto que mais de quatro milhões de empregados foram demitidos e que esse modelo de gestão empresarial passou a ser identificado com o atraso, como as "empresas chaminés", que seriam incapazes de conduzir a economia estadunidense (DRUCKER, 1986, p. 2). Diante desse cenário de aumento exponencial da procura por empregos e das demissões em massa nas grandes empresas, onde o emprego emergia?

Uma nova indústria começara a se consolidar: a indústria da tecnologia da informação, do computador pessoal, da organização da informação, da classificação dos dados, etc. De fato, este novo saber que emerge com a ascensão dessas novas tecnologias influirá decisivamente na organização do trabalho. Por um lado, haverá aumento exponencial de postos de trabalho que exigem conhecimento técnico baseado nessas novas tecnologias, o trabalho em frente ao computador, no escritório, dentro de uma estrutura hierárquica mais complexa que no chão da fábrica. Por outro lado, ocorrerá diminuição do trabalho fabril; as indústrias começam a optar por outros países para montar suas fábricas, visando à diminuição no custo da mão de obra, criando um processo de enfraquecimento dos sindicatos.

Embora represente grande mudança na organização do trabalho, tão presente na contemporaneidade, a nova indústria de TI não conseguiu abrigar os trabalhadores demitidos das grandes empresas tradicionais; estima-se que a nova indústria não gerou os milhões de empregos perdidos até 1985 (DRUCKER, 1986, p. 4). As oportunidades de emprego estavam na expansão das pequenas empresas. Nos EUA, o número de pequenos negócios aumentou em sete vezes entre 1970 e 1980 na comparação com 1950-1960. É nesse contexto histórico de grande aumento dos pequenos negócios, da emergência de nova indústria de tecnologia, a qual organiza o trabalho nos moldes do conhecimento, que

surge nova racionalidade sobre o risco e um novo campo discursivo sobre o empreendedorismo, que tem Peter Drucker como seu mais iminente membro. Para o economista e teórico da administração de empresas, tratava-se de classificar o risco e suas rupturas. De fazer emergir um espírito, o espírito empreendedor, caracterizado como nova tecnologia disciplinadora do criar e como construção de uma orientação ética para o desejo.

O espírito empreendedor

A administração de empresas consolidou-se como campo do conhecimento científico durante o século XX e de maneira mais marcante nos EUA. Além das teses consagradas de Taylor e Ford, que tinham como principal objeto a eficiência da produção industrial, seja através da quantificação do esforço humano, seja pela organização serial da linha de montagem, destaca-se a obra de Alfred Sloan como uma das mais importantes contribuições para este campo do conhecimento. Levado à presidência da General Motors durante a década de 1920, o engenheiro colocou em prática nova maneira de organizar a corporação, depois relatada em seu único livro, uma autobiografia: *My years with General Motors*.

Sloan descentralizou a administração, dando autonomia aos departamentos, inovação que garantiu enorme eficiência para a General Motors e sua liderança do mercado de automóveis nos EUA. Cada departamento tinha certa autonomia para tomar decisões dentro do campo de objetivos traçados pela direção geral. Algo que parece tão comum na administração das empresas contemporâneas representou um avanço no modelo de gestão, sendo absorvido por outras grandes corporações. O objeto privilegiado que circula na obra de Sloan é a hierarquia. A configuração centralizada na tomada de decisões é abrandada por um modelo que dá liberdade ao gerente — ou, em outras palavras, eleva o gerenciamento a nova posição na estrutura hierárquica.

Todavia, a possibilidade de gerenciar estava condicionada à experiência, ao saber técnico que daria legitimidade ao gestor do departamento. Existia a figura da autoridade técnica, elevada à condição de gestor pelos anos de experiência na área e pelos domínios desta técnica. Assim, este novo modelo hierárquico, proposto por Sloan, dá legitimidade a uma autoridade centrada no indivíduo e na sua experiência. Por mais estranha que pareça aos subordinados determinada tomada de decisão pelo gerente, existe a crença de que os anos de experiência lhe proporcionavam um saber que ainda não estaria à disposição de todos os outros funcionários.

É nesse contexto histórico que Peter Drucker começa a construir sua obra sobre administração de empresas e empreendedorismo. Seu grande objeto de análise, que sustenta grande parte de seus enunciados, é o risco. Como um empreendimento pode sobreviver e

alcançar êxito, enquanto outros sucumbem em poucos anos? Como se pode matematizar o risco em uma estrutura que transforme o inesperado em oportunidade; quais as formas e como se manifestam essas oportunidades; qual o quadro de previsibilidade ideal sobre o qual o inesperado pode ser classificado e ressignificado dentro da série planejada; como é possível montar este quadro ideal com séries precisas de comportamento humano?

As respostas para essas indagações encontram-se espalhadas em conceitos elaborados e divulgados durante décadas de produção acadêmica. Mas o conceito que melhor representa uma resposta — e que possibilitará uma das maiores mudanças epistêmicas do século XX — é a noção, desenvolvida ainda na década de 1950, de comportamento orientado para resultados. Trata-se de uma tecnologia do fazer que funda uma nova noção de tempo nas sociedades ocidentais, não mais linear, mas bilinear reversa.

Antes de avançar sobre essas noções, é preciso retirar o gerenciamento da hierarquia departamental fundada no conhecimento técnico. O gerenciamento é um conhecimento independente do saber técnico. Um excelente técnico talvez seja um péssimo gerente, e isso não significa a busca pela figura de um gênio empreendedor que precisaria ser caçado pelas grandes empresas. O gerenciamento é, em si, uma disciplina autônoma:

This means, above all, that managers practice management. They do not practice economics. They do not practice quantification. They do not practice behavioral science. These are tools for the manager. But he no more practices economics than a physician practices blood testing. He no more practices behavioral sciences than a biologist practices the microscope. He no more practices quantification than a lawyer practices precedents. He practices management... Management is a practice rather than a science. In this, it is comparable to medicine, law, and engineering. It is not knowledge but performance. Furthermore, it is not the application of common sense, or leadership, let alone financial manipulation. Its practice is based both on knowledge and on responsibility (DRUCKER, 1986, p. 18).⁴

Nesta nova dinâmica da gestão empresarial, as noções de gerenciamento podem e devem ser praticadas pelo quadro geral de executivos da empresa. Como disciplina, são necessários a prática e o uso adequado de suas técnicas. O operador técnico fundamental nesse novo conhecimento é a tarefa; um microfazer que precisa ser descrito de maneira

⁴ "Isso significa, sobretudo, que os gerentes praticam o gerenciamento. Não praticam a economia. Não praticam quantificação. Não praticam ciência comportamental. Essas são instrumentos do gerente. Mas ele não pratica economia mais do que um médico pratica exames de sangue. Ele não pratica ciências comportamentais mais do que um biólogo pratica microscopia. Ele não pratica quantificação mais do que um advogado pratica jurisprudência. Ele pratica gerenciamento... O gerenciamento é mais uma prática do que uma ciência. Nisso, pode ser comparado à medicina, à advocacia e à engenharia. Não é conhecimento, mas desempenho. Além disso, não é a aplicação de senso comum ou liderança, para não falar em manipulação financeira. Sua prática baseia-se tanto no conhecimento como na responsabilidade" (tradução dos autores).

precisa e inserido dentro de uma série; esta série de tarefas, por sua vez, se relacionará com outras séries de tarefas que estarão dispostas em um quadro geral de objetivos.

Aqui, os conceitos de meta e de planejamento ligam-se em uma relação dialética na qual o planejamento representa o caminho a percorrer e a meta é o lugar das pequenas chegadas. A síntese dessa relação é a tarefa: esta é, ao mesmo tempo, uma chegada e um passo no caminho. Em outras palavras, os objetivos são dispostos cronologicamente no quadro, e as tarefas representam a série de comportamentos necessários para se alcançar o objetivo. Mas este objetivo relaciona-se com outros objetivos, dos quais é apenas parte de um objetivo maior.

Assim, por exemplo, o trabalho de um vendedor, dentro da lógica do comportamento orientado para resultados, ganha um conjunto de metas e uma série de tarefas para alcançá-las. Para atingir a meta de vendas de R\$ 1.000,00 em uma semana, o funcionário deve realizar 40 ligações; destas, 5% se converterão em vendas, e cada venda tem o ticket médio de R\$ 500,00. Entretanto, em cada tarefa existe uma orientação técnica: as ligações devem ser feitas na hora do almoço; ao falar pelo telefone, deve-se utilizar cronologicamente uma série de enunciados e, para cada objeção do cliente, outra série de enunciados; etc.

A meta deste vendedor hipotético relaciona-se diretamente com a meta mais ampla de seu supervisor, com a meta do estagiário de marketing que deveria quantificar em uma planilha a efetividade das ligações, com a meta da analista de recursos humanos que o contratou e que tem como meta efetivar 80% de suas contratações e, por fim, com a meta de faturamento da empresa. O comportamento humano foi descrito meticulosamente no quadro geral de metas e relacionado em um plano futuro ideal. É esse campo do fazer induzido que constrói a nova noção de tempo e desloca o foco do olhar hierarquizador que constrói o normal.

Essa nova noção de tempo exprime novo modelo de linearidade. Existe um ponto localizado no futuro (próximo ou distante, depende da meta observada) no qual se alcançará um objetivo específico; este ponto futuro, entretanto, é deslocado — de forma reversa — para o presente na forma de tarefas específicas e detalhadas que delineiam um caminho seguro até o ponto futuro ideal. Por exemplo: um indivíduo tem como objetivo emagrecer dez quilos em seis meses; esta meta é transposta para o presente na forma de tarefas específicas (comer salada nas refeições, correr na esteira por 30 minutos e recusar alimentos gordurosos).

Já o olhar hierarquizador procura as incidências do espontâneo dentro de um sistema de quantificação que dará forma para a norma. Por exemplo: durante uma dieta de seis meses, um indivíduo não cumpriu por diversas vezes a tarefa de comer salada no almoço, pois preferiu doces oferecidos por seus colegas. Ou um estudante, que deveria fichar 50 textos

durante um semestre, por vezes não o faz pelo mais diversos motivos (brigas com a namorada, imagens de outros eventos durante a leitura dos textos e dificuldade de assimilação, etc.). No plano comportamental do induzido, não se questionarão as causas do abandono do plano, mas a gradação de incidência do espontâneo em seu amplo campo semântico: realização de desejos imediatos, imaginação fora de hora, sucumbir ao evento inesperado, etc. O olhar hierarquizador proporá um quantum de incidência do espontâneo para definir a norma comportamental geral.

Com a emergência desse novo conhecimento, existe, de fato, a construção de uma positividade: a tecnologia do induzido possibilita um encandeamento controlado dos comportamentos até a chegada ao objetivo futuro desejado, figurando nas margens do sucesso. Por outro lado, também se deflagra uma negatividade: o excesso do espontâneo abarca o planejado e dirige o comportamento para um futuro não previsível, figurando nas margens do fracasso. Esse campo do induzido deflagrado pelas técnicas disciplinares do comportamento orientado para resultados apoia-se em dois grandes pilares: a disciplina do criar e a construção de uma função ética para o desejo.

A disciplina do criar

Este comportamento sistematizado e exterior ao indivíduo, devidamente descrito no quadro de tarefas, depara-se com alguns problemas: como definir as metas específicas e objetivas; com quais critérios é possível reconhecer que um objetivo é factível e pode ser inscrito no quadro; diante do inesperado, como é possível alterar o meticuloso caminho do planejado, para que continue apontando para a meta? Enfim, como criar as séries, como visualizar as figuras do futuro planejado?

Para essas perguntas, a resposta é novamente a disciplina. A invenção não é uma característica humana que cabe dentro do induzido. Instáveis, as ideias nem sempre se apresentam de maneira adequada, no tempo adequado. Os inventores da modernidade, presos dentro de um laboratório e criando de maneira caótica, representam uma imagem muito comum sobre a ideia do criar nas sociedades euroamericanas.

O que cabe no quadro do induzido, entretanto, não é a invenção, esse tipo de criar sempre sujeito à grande ideia — para a incidência do espontâneo nos sonhos, nas horas mais descabidas do dia —, mas à noção de inovação:

[...] à busca e ao aproveitamento de novas oportunidades para satisfazer a carências humanas e necessidades humanas... A inovação sistemática, portanto, consiste na busca deliberada e organizada de mudanças, e na análise sistemática das oportunidades que tais mudanças podem oferecer para a inovação econômica ou social (DRUCKER, 1985, p. 45).

A inovação é a principal característica do empreendedor. Consiste em observar as mudanças em andamento na sociedade e na própria empresa e transformá-las em oportunidades dentro do quadro geral de objetivos. A questão não é criar o novo e proporcionar, em si, uma mudança, como a invenção do avião, por exemplo. Trata-se de observar o inesperado e colocá-lo no quadro como uma oportunidade de constituição de uma meta futura, de alteração do caminho do planejamento.

Um laboratório farmacêutico suíço é hoje o líder mundial em medicamentos veterinários e, no entanto, ele ainda não desenvolveu uma única droga veterinária. Mas os laboratórios que desenvolveram estas drogas recusaram-se a atender o mercado veterinário. As drogas, a maioria antibióticos, eram naturalmente preparadas para tratar de enfermidades humanas. Quando os veterinários descobriram que elas eram igualmente eficazes para uso em animais e começaram a fazer seus pedidos, os fabricantes originais não ficaram nenhum pouco satisfeitos. Em alguns casos, recusaram-se a fornecer aos veterinários (DRUCKER, 1985, p. 54).

Coube ao laboratório suíço, portanto, comprar as patentes para uso veterinário por um preço ínfimo. Essas incidências do inesperado para entrar no quadro de objetivos gerais requer grande atenção aos detalhes, capacidade de enxergar o novo no velho. Em outras palavras, a realidade pronta, visível aos olhos de todos, deve ser ressignificada dentro do quadro futuro ideal.

A inovação proposta por Drucker é uma técnica que possibilita visualizar o futuro em um objetivo condicionado ao campo disciplinar do comportamento induzido. Ao indivíduo, a ideia, o novo, o criar deve essa submissão ao quadro de metas. Essa ideia é executável; que tarefas específicas devem preencher um caminho planejado cronologicamente para que se chegue a este objetivo?

Mais uma vez, o induzido, agora como técnica para descrever imagens dentro de um determinado quadro de tarefas, recorre ao campo do contínuo. O novo é uma figura pronta para uso, desde que matematizada na série de tarefas que descrevem o futuro.

Uma ética para o desejo

Se o futuro abarca o presente nessas tarefas condicionadas que formam o dia a dia, a satisfação e a recompensa só estarão disponíveis no futuro. Que mecanismo pode operar como fonte de manutenção da rota planejada; como essas figuras do espontâneo podem ser afastadas para que se cumpra o que se começou?

É o desejo, envolto em nova construção ética, que opera como ferramenta que sempre devolve o indivíduo à sua rota. As recompensas menores que o desejo pode proporcionar com a saída do quadro (por exemplo, o doce fora de hora no comportamento induzido da

dieta) devem ser suprimidas em troca de uma recompensa maior, que garante o contínuo, que garante o futuro idealizado.

A ferramenta com a qual o desejo é canalizado nessa ética da recompensa tardia, da grande recompensa, é o gerenciar a si mesmo.

Toda manhã quando você se olha no espelho, quando está se barbeando ou se maquiando, pergunte-se: a pessoa que está vendo no espelho é a pessoa que você quer ver? Você quer ser o tipo de pessoa que está vendo? Talvez a palavra "envergonhada" seja forte demais. Você se sente incomodado por poupar esforços em detrimento da qualidade, por não cumprir promessas, por oferecer propina, fazer algo visando a benefícios imediatistas? Você é este tipo de pessoa? Você quer mesmo ver o que está vendo no espelho? Esse é o teste do espelho e é vital simplesmente porque você pode conseguir enganar as pessoas de fora da sua organização, mas não tem como enganar as pessoas de dentro da sua organização. Elas se comportarão como você. Você corromperá toda a organização (DRUCKER; WARTZMAN, 2011).

Neste teste do espelho, o indivíduo observa a distancia do quadro ideal que projetou para sua vida. Cada passo fora do caminho planejado, cada satisfação de microdesejos, toda essa inércia espontânea que o empurra do induzido é o que marca essa distância. Mas, por mais que se sucumba, por mais que o devir fuja da matemática, é preciso inserir o desejo no campo semântico da paixão e canalizá-lo para o ideal descrito no quadro de objetivos.

Quando a vida jogar pedras, não se deixem abalar. Estou certo de que meu amor pelo que fazia é que me manteve ativo. É preciso encontrar aquilo que vocês amam - e isso se aplica ao trabalho tanto quanto à vida afetiva. Seu trabalho terá parte importante em sua vida, e a única maneira de sentir satisfação completa é amar o que vocês fazem. (LEIA O DISCURSO DE JOBS..., 2009).

Enfim, todos os enunciados da motivação se encadeiam na semântica do desejo, da paixão. Mas esses enunciados emergem, exatamente, como uma ferramenta para brechar a satisfação imediata, ou seja, a realização do próprio desejo. É por esta razão que os enunciados motivacionais constroem um discurso que visa à busca de uma ética do conhecido, do planejado, do previamente idealizado — em suma, do campo induzido.

O discurso sobre o sucesso

É possível objetar que, com este constructo teórico, pretende-se formular uma estrutura de modelos do induzido que submeta os indivíduos a uma prisão de determinado tipo de fazer. Não é isso do que trata este artigo de pesquisa. O espontâneo é figura presente na sociedade estadunidense e nas sociedades euroamericanas de modo geral. Não é sequer condenado, excluído. O que se especula aqui é a emergência de nova racionalidade, que se

aplica de maneira mais intensa sempre que se formula um discurso sobre o sucesso. O sucesso do estudante aferido no resultado de suas avaliações periódicas, o sucesso na construção de um corpo idealizado, o sucesso na memorização de um idioma, etc.

Essa racionalidade, já presente nas construções teóricas dos autores do campo da administração de empresas, ganha grande visibilidade nas décadas da crise, especialmente depois da crise do petróleo, em 1973. *Management: Tasks, Responsibilities, Practices*, o extenso livro de Peter Drucker, superou *The Joy of Sex* na lista dos mais vendidos nos Estados Unidos (DRUCKER, 2011). Enfim, essa racionalidade percorreu as escolas estadunidenses durante a massificação do ensino na década de 1970, transformou-se na ferramenta disciplinar que constrói o sucesso e, finalmente, lançou sobre a sociedade a ideia de espírito empreendedor, ou seja, uma série de comportamentos hermeticamente descritos em um quadro futuro ideal de objetivos, sustentado por uma técnica do criar que privilegia o contínuo e por enunciados motivacionais que canalizam o desejo na ética da meta.

Considerações finais

A emergência do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade através de sua positivação no DSM-IV, em 1994, é a resposta psiquiátrica para um sofrimento humano novo e tão intenso no contemporâneo: não conseguir terminar aquilo que se começou, não alcançar o objetivo proposto, mudar a todo o momento o plano elaborado— fracassar, enfim.

Os psiquiatras atribuem este sofrimento humano a uma incapacidade orgânica de controlar a vontade. Uma população específica teria uma disfunção no funcionamento adequado do córtex pré-frontal cerebral e do sistema límbico,⁵ que resultaria em maior dificuldade para controlar a vontade de resistir aos desejos imediatos, às imagens da imaginação fora de hora — enfim, a todas essas figuras do espontâneo.

O transtorno de déficit de atenção/hiperatividade, ou TDAH, é um transtorno de desenvolvimento do autocontrole que consiste em problemas com os períodos de atenção, com o controle do impulso e com o nível de atividade... Esses problemas são refletidos em prejuízos na vontade da criança ou em sua capacidade em controlar o seu próprio comportamento relativo à passagem do tempo — em ter em mente futuros objetivos e consequências (BARKLEY, 2002, p. 35).

⁵ Embora o TDAH não tenha entre os psiquiatras um exame de imagem ou de sangue unânime que possa dar suporte a estas teorias orgânico-biológicas, isso não nos interessa aqui. Da mesma forma que a genética e o funcionamento cerebral podem ser usados para transformar canhotos em portadores de anormalidades, uma nova ontologia da atenção pode transformar uma população em doentes biológicos.

O TDAH estaria, portanto, relacionado diretamente com essa nova tecnologia disciplinar que é o comportamento orientado para resultados, que funda uma nova noção de tempo sempre que se pretende elaborar um futuro relacionado a uma noção de sucesso:

Como resultado, vemos que o TDAH não é apenas a hiperatividade ou distração do momento ou a incapacidade de conseguir realizar o trabalho diário, mas um relativo enfraquecimento na maneira como o comportamento é organizado e dirigido rumo ao mundo do amanhã (BARKLEY, 2002, p. 40).

Esse é o deslocamento fundamental que comutou a dinâmica teia da normalidade. O olhar que homogeneiza o comportamento humano, dentro das paredes da norma, não busca mais corrigir uma personalidade invadida por sentimentos, ou um caráter confrontado com a rigidez moral, mas medir o quantum de descumprimento das tarefas planejadas que determinado indivíduo comete. Como patologia do espontâneo, o TDAH representa uma porta de entrada para a desordem, para o inconstante, para um mundo fora da previsibilidade socialmente construída.

Mais de 20% das crianças com TDAH são responsáveis por incêndios bastante sérios em suas comunidades, mais de 30% vêm se envolvendo em furtos, mais de 40% adotam o tabaco e a bebida precocemente e mais de 25% vem sendo expulsas da escola como consequência da conduta inadequada. Efeitos recentes do TDAH em motoristas vêm sendo estudados (BARKLEY, 2002, p. 38-39).

Como primeira incidência do fracasso, agora significado como o comportamento não orientado aos resultados, a patologia do espontâneo é o caminho perfeito para outros transtornos e distúrbios psiquiátricos.

Nitidamente, Amy é também bastante típica entre crianças com TDAH porque mostra um segundo padrão de comportamento: opositor, desafiador e hostil diante dos outros, especialmente os pais. Esse modelo é conhecido como transtorno desafiador de oposição (TDO). Entre 35% e 65% das crianças com TDAH encaminhadas a clínicas terão esse problema (o número inferior é mais característico de estabelecimentos de primeiros socorros, enquanto o superior figura em clínicas de saúde mental) (BARKLEY, 2002, p. 43).

Como doença do espontâneo, o TDAH representa uma porta de entrada para sentimentos humanos indesejados, como a agressividade e a tristeza, que podem se instalar no sujeito de tal maneira que outras patologias psiquiátricas encontram campo fértil para seu desenvolvimento, como o transtorno desafiador de oposição, por exemplo.

Na escola, o professor oferece esse primeiro olhar sobre o comportamento fora do quadro de tarefas. E diante dessas incidências do espontâneo, como tratar os alunos com TDAH?

Em um estudo de pesquisa, a professora deduzia um ponto cada vez que via uma criança que não estivesse trabalhando. Cada perda de ponto

significava a perda de um minuto livre. Foi colocado um contador digital na mesa de cada uma das crianças para permitir que seguissem o total de seus pontos. O contador de pontos de cada criança consistia de cartões numerados que podiam ser trocados por um número menor de tempo cada vez que um ponto era perdido. A professora tinha um contador idêntico sobre sua mesa, no qual ela podia seguir os pontos perdidos. A criança era instruída a igualar o valor numérico em seu contador com o da professora, durante a aula, com frequência. Uma segunda criança tinha um contador eletrônico a pilha, com um mostrador com números. A professora simplesmente tirava pontos por comportamento no mostrador, usando um transmissor remoto como aquele usado para abrir garagens (BARKLEY, 2002, p. 255).

O estudo foi considerado um sucesso. O olhar do professor, quando verifica a incidência demasiada do espontâneo, deve transformá-lo no induzido através da sanção normalizadora formulada dentro das técnicas do behaviorismo.

Em suma, a emergência do TDAH decorre de um fenômeno típico da cultura estadunidense iniciado durante a década de 1970 e que só se intensifica no contemporâneo — e não a partir de um determinismo biológico que generaliza o discurso, colocando o normal em uma ontologia do sujeito atento, e prendendo a atenção dentro do seu campo semântico relatado no induzido; nas técnicas do foco, da concentração, do contínuo.

É nesse aluno que compete em uma escola agora massificada e que tem na memorização de conceitos seu objetivo que o TDAH ocorrerá com predominância. Em todo lugar que se observe, a escola é esse espaço privilegiado do induzido. Por um lado, a escola e seu diretor tem uma meta de qualidade medida em exames periódicos, assim como o governo tem uma meta comparada com outros países e Estados. Por outro lado, o aluno tem uma meta específica de tarefas diárias necessárias para alcançar determinado resultado de memorização, assim como o professor tem uma meta específica de tarefas durante a aula para conseguir expor os conceitos dentro de uma média de memorização aceitável.

Com as tarefas expostas no quadro de maneira transparente, a todos são divulgadas suas obrigações. A hierarquia não é mais, portanto, reificada na figura de um indivíduo — o professor, o chefe, o pai —, mas funciona como um operador de adequação ao caminho planejado. Não se trata mais de "Faça o que eu estou mandando!", mas de "Faça a sua tarefa, cumpra com o combinado!".

Já o tempo é caracterizado na noção de um futuro que invade o presente nas figuras de pequenas tarefas que serão transformadas em grande recompensa quando o ideal planejado finalmente puder ser visto. As ideias que preenchem esse quadro futuro devem se adequar a um conceito de criar restrito ao inovar e o desejo deve ser canalizado para o induzido, para um momento distante quando poderá se manifestar em sua plenitude.

Todas essas figuras do anormal, portanto, encontram-se em relação com o espontâneo quando se pensa o sucesso. A sociedade estadunidense produziu essa racionalidade sobre fazer que almeja um discurso sobre o sucesso e a colocou como uma capacidade humana, como uma “ontologia do fazer”. É nesse cenário que o TDAH propaga-se como a doença do fracasso, em um mundo cada vez mais voltado para o sucesso como figura do induzido.

Bibliografia

BARKLEY, R. A. *Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH): guia completo para pais, professores e profissionais da saúde*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DRUCKER, P. F. *Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship)*. São Paulo: Thomson Pioneira, 1985.

_____. *Management: Tasks, Responsibilities, Practices*. New York: Truman Talley Books/E. P. Dutton, 1986.

DRUCKER, P. F.; WARTZMAN, R. (Ed.). *Drucker em 33 lições: as melhores aulas do homem que inventou a administração*. São Paulo: Saraiva, 2011 (e-book).

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a.

_____. *Ditos e escritos — Volume IV: estratégia, poder-saber*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012b.

_____. *História da loucura: na Idade Clássica*. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010a.

_____. *Os anormais: curso no Collège de France*. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

HOBBSAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEIA O DISCURSO DE JOBS AOS FORMANDOS DE STANFORD. *Terra* [online], 17 jan. 2009. Disponível em: <<http://tecnologia.terra.com.br/internet/leia-o-discurso-de-jobs-aos-formandos-de-stanford,bc38d882519ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: out. 2010.

LEITE, E. *O fenômeno do empreendedorismo*. São Paulo: Saraiva, 2012.

MATTOS, P. *No mundo da lua: perguntas e respostas sobre o transtorno de déficit de atenção com hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos*. 11. ed. Rio de Janeiro: Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA), 2012.

PIAGET, J. *O juízo moral na criança*. 4. ed. São Paulo: Summus, 1994.